

Comunicação e Semiárido: a obra ‘Os Sertões’ e a construção de representações sobre os sertanejos¹

Rayssa Keuri Pereira BATISTA²
Neci Mellyssa Ferreira e CAVALCANTI³
Andréa Cristiana SANTOS⁴
Dalila Carla dos SANTOS⁵
Vinícius da Silva COUTINHO⁶

Universidade do Estado da Bahia, Uneb, Juazeiro

RESUMO

Este estudo objetiva analisar a visão do escritor e jornalista, Euclides da Cunha (1866-1909), sobre o sertanejo como um indivíduo forte em contraste com os mestiços do litoral. O trabalho busca, por meio de uma análise crítica do livro “Os Sertões”, explorar temas como a relação entre o homem e o ambiente do semiárido nordestino, a questão da terra, a crítica ao estereótipo criado por Cunha, a Guerra de Canudos e como ela foi narrada na perspectiva do tempo histórico. O estudo analisou as representações sobre o espaço geográfico (terra), o homem, o Conselheiro a fim de desmistificar a ideia do sertanejo apresentada no livro, buscando preservar e contar a história de Canudos pela perspectiva das pessoas que viveram na região como forma de resistência contra o apagamento histórico a respeito do conflito.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Euclides da Cunha; Semiárido; Sertanejos; Guerra de Canudos.

INTRODUÇÃO

Euclides da Cunha foi um correspondente enviado para a Bahia pelo *Estado de São Paulo* para realizar a cobertura da Guerra de Canudos, que aconteceu entre 7 de novembro de 1896 e 5 de outubro de 1897, cujo trabalho jornalístico resultou na obra “Os Sertões”, na qual aborda a terra, o homem sertanejo e o conflito armado. A frase célebre “o sertanejo é antes de tudo um forte, não tem o raquitismo exaustivo dos

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Semiárido, durante a programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Estudante de graduação do Curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb, email: rayssajornalismo2023@gmail.com

³ Estudante de graduação do Curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb, email: necimellyssa@gmail.com

⁴ Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ; Professora do curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb, email: andcristianasantos@gmail.com

⁵ Doutora em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo pela UFBA; Professora do curso de Jornalismo em Multimeios da Uneb, email: dalicarter@gmail.com

⁶ Mestrando em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos e Estagiário docente no curso de Jornalismo em Multimeios na Uneb; Jornalista pela Uespi, email: viniciuscoutinho96@gmail.com

mestiços do litoral” (Cunha, 1984, p.66) se propagou nos meios de comunicação, tornando a obra conhecida por esse viés ao retratar os sertanejos.

Para Euclides da Cunha, o povo do sertão semiárido é um tipo forte, diferente do povo litorâneo, o autor atribui essa força às interferências sofridas pelo clima do território. Ao fazer essa abordagem, retrata o sertanejo como figura feita em “molde único” (Cunha, 1984), desmerecendo as diversidades étnicas presentes na imensidão do sertão. Euclides toma o lugar de onde veio como ponto de referência para sua escrita, que “quase sempre não é o Nordeste tal como é, mas tal como foi nordestinizado”, como enfatiza Albuquerque Júnior (1999, p.311), submetendo à região um enquadramento carregado de estereótipos e influenciando narrativas até os dias atuais.

A partir dessa visão do homem como produto do meio, descrita por Euclides, este trabalho analisa as representações construídas na obra em questão sobre os sertanejos, buscando problematizar como essa construção literária influenciou narrativas comunicacionais e culturais a respeito do povo do semiárido. Objetiva-se ainda compreender como a visão consolidada de Nordeste, oriunda da narrativa feita por Cunha, passa a ser desmistificada com o surgimento de outras produções que reivindicam o Nordeste como um lugar de cultura e tradição.

Diante disso, é preciso também situar que a representação construída pela obra em análise tem sido problematizada a partir de pesquisas científicas e espaços de diálogo social, como a Feira Literária Internacional de Canudos (Flican), promovida pela Universidade do Estado da Bahia (Uneb) e que reúne pesquisadores para discutir o legado da representação construída no início do século passado. Além disso, existe uma produção de jornalismo que propõe pensar a contextualização e a convivência com o Semiárido, com a perspectiva de dar visibilidade à diversidade.

Para fundamentar os estudos apresentados, foi realizada uma pesquisa qualitativa de caráter documental, com leitura da obra “Os Sertões”, e revisão bibliográfica acerca da temática. Sobre a pesquisa com abordagem qualitativa, Minayo (2000, p.36) destaca que este caminho busca revelar “significados da ação humana que constrói a história”. Já a revisão de literatura, para Gil (2002), possibilita uma melhor construção e definição do quadro conceitual em estudo. Ademais, o estudo também se valeu da visita técnica ao Parque de Canudos, durante a 4ª Feira Literária de Canudos, entre os dias 13 e 16 de setembro de 2023.

Por fim, a análise problematiza as representações construídas a respeito dos sertanejos enunciados em aspectos como a terra, o homem e a luta. O conceito de representações é operacionalizado a partir de Moscovici (2007, p.16). Para ele, as representações surgem a partir de conflitos sociais, dentro das estruturas da própria cultura, por exemplo, na tensão entre o reconhecimento formal da universalidade dos “direitos do homem” e sua negação a grupos específicos dentro da sociedade.

Perspectivas euclidianas sobre o sertanejo

Com pensamento positivista e com evolucionismo progressista liberal, Cunha acreditava na república como válvula de saída para o antigo sistema monárquico em que o Brasil vivia, por isso, apoiou a primeira república de 1889. Assim, tinha como foco de sua escrita a junção da linguagem literária com o conhecimento científico, transformando os agentes naturais como os principais protagonistas e o ser humano se unificando com esse meio de convívio. Como aponta Sevcenko (1983, p.132), “seu processo mais usual inicia o esboço de um personagem e o vai detalhando numa linha ascendente, até que sua personalidade se dilua numa força natural ou social”.

Nesse prisma, verificamos uma visão errônea do autor ao enquadrar os sertanejos como “isoladores étnicos e históricos” (Cunha, 1984, p.91), pois assim ele transmitiu a ideia de que os outros povos conseguiriam lidar com as adversidades oriundas dos fatores climáticos que lhes atingissem, mas o sertanejo nordestino permaneceria sempre estagnado, em atraso, como também aponta Sevcenko (1983), ao afirmar que Conselheiro é apresentado como representação do atavismo. A narrativa de Cunha (1984, p.31) atribuiu a sua passagem pelo semiárido como “dias torturantes; a atmosfera asfixiadora; o empedramento do solo; a nudez da flora; e nas ocasiões em que os estios se ligam sem a intermitência das chuvas — o espasmo assombrador da seca”.

Essa abordagem com uma perspectiva negativa do sertão contribui para a visão estereotipada que as pessoas não residentes da região têm para com a terra. Sendo assim, quando mencionada entre as regiões do Sul e Sudeste, principalmente em veículos jornalísticos, recebe o título de lugar sofrido e castigado pela seca, perpetuando a visão euclidiana de um território pobre e inferior. Desse modo, essa representação negativa difere de outros estados que, ao passarem pela mesma situação de seca, são retratados conceitualmente como uma “crise hídrica”.

Diante do cenário, os movimentos sociais, lutam pelo cumprimento de políticas públicas para uma reforma hídrica visando ocorrer a democratização da água no Nordeste, buscando, assim, o desenvolvimento sustentável para a região e a adoção de tecnologias sociais que possam diminuir os impactos sócio-econômicos advindos das adversidades climáticas. Essas tecnologias são fruto da hibridização do saber popular com o conhecimento técnico-científico e, como destaca Alsina (2009), são pensadas sob supervisão de instituições públicas, com ensino, pesquisa e extensão, demandando o agendamento destas temáticas nos meios de comunicação para que, com isso, novas perspectivas de vida sejam evidenciadas sobre o território.

O homem e a teoria euclidiana

Após a publicação da obra “Os Sertões”, no ano 1902, outras produções literárias foram compartilhadas na região semiárida. O escritor canudense José Américo Amorim (2021) conta a história por meio de poemas que expressam a resistência dos conselheiristas ao conflito armado, ao falar que ainda é tempo de libertação. Na sua obra, o poeta convoca as populações originárias do Bello Monte, pretos e indígenas, que foram escravizados durante as guerras. Nesse sentido, são evocadas “memórias subterrâneas” (Pollak, 1989) para falar das disputas de poder em torno da representação dos sertanejos, originando, assim, novas narrativas a partir de quem reside na região.

Essa possibilidade de construir o novos significados diz respeito aos resistentes às tropas oficiais, que foram tratados “como coisas, esses corpos são desinvestidos de afeto, de sua erogeneidade, para se tornar um pedaço de carne, gado prestes a ir para o abate” (Canavêz, 2018, p.67). Assim, a crítica de Canavêz pensa sobre a mistura de raças, enquanto para Cunha (1984), formava-se no vale médio uma raça de cruzados e esse cruzamento inevitável resultaria quase sempre em um desequilibrado.

Euclides da Cunha não é nordestino, mas veio às terras baianas em meio à guerra para cobrir o acontecimento e criticar o povo sertanejo com o seu olhar estrangeiro. Esse pensamento moldou como os veículos de comunicação retratam o semiárido, influenciando a difusão do pensamento de modernização ultrapassada e práticas de racismo que estão enraizados no desenvolvimento do Brasil.

A visão de Cunha sobre o homem sertanejo também desconstruiu reais aspectos da cultura sertaneja. Ao falar de tradições culturais, o autor apresenta uma visão

xenófoba para se referir à vivência no sertão nordestino, colocando o trabalhador de forma desumanizada. “O verdadeiro dono, ausente, conhece-lhes a fidelidade sem par. Não os fiscaliza. Sabe-lhes, quando muito, os nomes.” (Cunha, 1984, p.71). Portanto, concluímos que a perspectiva euclidiana sobre o homem, em destaque, o mestiço, seria racista e incorreta, pois o escritor naturaliza os estereótipos e desvaloriza as vivências culturais diferentes da sua, ao julgá-los como inferiores e até como raça sub-humana.

E o outro lado da luta?

Ao relatar a Guerra de Canudos, Cunha descreve Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido como Antônio Conselheiro, como a imagem de um líder religioso e fanático insatisfeito com a República e adepto a Monarquia. É assim que é descrito dentro dos livros contados pelos não residentes da região. Por outro lado, na Flican, Conselheiro é retratado como o herói do Bello Monte. Isso ocorre porque o movimento discute novas representações sobre a guerra, olhando para as vertentes que foram silenciadas na escrita de Cunha.

O Parque Estadual de Canudos, que preserva o cenário da guerra, é hoje mantido pela Uneb e reconstrói o conflito a partir de imagens fotográficas, de fotógrafos como Evandro Teixeira, Pierre Verger, Flávio Barros e entre outros, com os sobreviventes da guerra. Assim, demonstra que Conselheiro não foi o único líder, pois as exposições fotográficas presentes no parque promovem o reconhecimento da resistência do canudense, principalmente, evidenciando a participação feminina naquele contexto.

Discutir sobre o direito à vida com dignidade desde o Bello Monte, detém uma importância significativa dentro da história, ao pensar sobre o apagamento e a distorção dos acontecimentos que são repassados dentro das instituições de ensino.

CONCLUSÃO

A pesquisa demonstrou que as representações construídas por Euclides da Cunha refletem o pensamento político do autor e, por muito tempo, influenciaram no imagético construído no Nordeste. Verificamos que existe no tempo presente uma produção de conhecimento e movimentos sociais que procuram desconstruir o pensamento reducionista a respeito da resistência dos habitantes do arraial de Canudos.

Canudos resiste e é fonte de resistência, pois o “sujeito excluído, seja ele um indivíduo, um grupo ou um povo, sofre ao ser gravemente atingido na sua potência e no seu sentido de existência” (Bastos, 2006, p.58). Assim, concluímos que a história Canudos não deve ser esquecida ou deturpada, mas contada pela perspectiva de quem tem a vivência no semiárido, como um ato de resistência às constantes tentativas de apagamento dessa história. Consideramos que esta pesquisa possa estimular novos estudos sobre comunicação e semiárido, a fim de romper com os estigmas a respeito do povo sertanejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e Outras Artes**. Recife-PE, Editora Massangana, 1999.
- ALSINA, Miquel. **A construção da notícia**. São Paulo: Vozes, 2009.
- AMORIM, José Américo. **Histórias do Sertão: Poemas de Canudos**. Recife, PE, Editora Portifolium, 2021.
- BASTOS, Liana Albernaz de Melo. Exclusão Social: aspectos traumáticos da violência contemporânea. **Revista Brasileira de Psicanálise**. v. 39, n. 4, p. 57-60, 2006.
- CANAVÊZ, Fernanda. O corpo despejado: notas sobre a experiência urbana na contemporaneidade. In: BELLO, Fábio. **Psicanálise e racismo: interpretações a partir de Quarto de despejo**. Belo Horizonte, MG : Relicário, 2018.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante).
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 6 edição, Editora Vozes, Petrópolis RJ, 2009.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983